



Esta obra possui uma Licença

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/9557>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v13i21.9557>

Submissão: 13/11/2019

Aprovação: 05/03/2020

A CONFLITUOSA RELAÇÃO DE ALFREDO COM A EDUCAÇÃO E O LUGAR: REPRESENTAÇÃO NA OBRA *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*

THE CONFLICTIVE RELATIONSHIP OF ALFREDO WITH EDUCATION AND PLACE: REPRESENTATION IN THE KEY WORK IN THE FIELDS OF CACHOEIRA

Maria do Socorro Pereira LIMA¹
Universidade Federal do Pará

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer uma discussão sobre a conflituosa relação do personagem infantil Alfredo com a educação e a Vila de Cachoeira, representadas na obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. A pesquisa é histórica e tem como principal fonte a literatura da Amazônia. A discussão teórica conta com os estudos de Roger Chartier e Walter Benjamin. Concluímos que pelo viés da percepção literária e poder criador, o olhar crítico do personagem Alfredo em relação à educação e ao lugar demarca uma total falta de identidade com a realidade de Vila de Cachoeira, por não vê neste lugar uma perspectiva de futuro, ocasionada pelo abandono do poder público, pelos métodos ultrapassados de ensino. Considerando estes pontos, o personagem começa a planejar sua fuga na certeza de constituir uma nova identidade num outro lugar.

Palavras-chave: Representação de Educação. Conflitos Identitários. Experiências Literárias. Literatura da Amazônia.

Abstract: This article aims to discuss the conflict between the child character Alfredo and education and Vila de Cachoeira, represented at *Chove nos Campos de Cachoeira*, by Dalcídio Jurandir. The research is historical and its main source is Amazonian literature. The theoretical discussion relies on the studies of Roger Chartier and Walter Benjamin. We conclude that, due to the bias of literary perception and creative power, the critical look of the character Alfredo in relation to education and the place marks a total lack of identity with the reality of Vila de Cachoeira, as he does not see in the space a perspective of the future, justified by abandonment of public power, due to outdated teaching methods and his own social condition, facts that lead him to plan his escape in the certainty of constitute new identity elsewhere.

Keywords: Education Representation. Identity conflicts. School Experiences. Amazon Literature.

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal do Pará. E-mail: soclimma@yahoo.com.br.

1 Introdução

Ainda que possa ser desmembrado para futuras análises sobre o comportamento dispensado ao personagem Alfredo, um menino que despeja ódio e desprezo pelo lugar onde habita e pela escola representada na obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, escrita por Dalcídio Jurandir, neste artigo, não subsidiaremos sobre a criança na ótica da psicanálise.

Profundamente engajado no contexto social e político de sua época, Dalcídio Jurandir ambienta grande parte de sua produção literária na Amazônia paraense. *Chove nos Campos de Cachoeira*, o seu primeiro romance, representa o cenário político, social e educacional da década de 30 do século XX, final da Primeira República, com efeitos da crise econômica no Estado do Pará. Nesse cenário, destacamos o menino Alfredo, a representação de educação, o lugar chamado Vila de Cachoeira, na ficção, e o sentimento de desprezo de Alfredo por tudo isso.

Chove nos Campos de Cachoeira demorou por volta de uma década para ser finalizada. Dalcídio Jurandir situou a narrativa na década de 30 e só conseguiu lançá-la na década de 40, em 1941, por meio do Concurso Vecchi de literatura, do qual ele saiu vencedor.

Das mais de trezentas páginas que compõem a narrativa, o cenário social que abriga os personagens, pode-se dizer, segundo Marly Furtado, é “derruído”, diga-se, abandonado, esquecido, destruído pela pobreza material e adoecimento populacional. Estamos na Primeira República, na Vila de Cachoeira, Ilha do Marajó, Amazônia paraense.

Dentre os fios condutores da obra, o menino Alfredo é um deles. Destaca-se por ser inteligente, perspicaz, crítico ao extremo e demais adjetivos não compatíveis para caracterizar uma criança da época.

Dentre os fios condutores da obra, o menino Alfredo é um deles. Destaca-se por ser inteligente, perspicaz, crítico ao extremo e demais adjetivos não compatíveis para caracterizar uma criança da época.

A pesquisa que desenvolvemos em torno deste personagem é histórica, mediada por um constructo teórico e metodológico oriundo de uma corrente teórica denominada Nova História, surgida na segunda metade do século XX, ampliando a concepção de fonte histórica, permitindo, neste caso, fazer uso da literatura como espaço privilegiado para o estudo pretendido. Nesta perspectiva, todos os tipos de textos, sejam relatos, documentos oficiais ou literários, podem ser utilizados como suporte de análise histórica enquanto representações de uma dada realidade.

E por assim entender coerente essa possibilidade de reinvenção da fonte literária, o objeto de análise tem um *corpus* literário constituído pela obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, recolhida do manancial que compõe o acervo de produção da literatura da Amazônia.

Quanto ser a literatura a principal fonte histórica do estudo de onde se originou este artigo, a representação, portanto, aparece como um “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo como ele é” (CHARTIER, 1988, p. 20).

Para efeitos de escrita, iniciamos o corpo do artigo apresentando o contexto social da obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, para fins de compreender o posicionamento do personagem Alfredo em relação ao lugar a partir dos sentimentos de Alfredo, seu desejo constante de fuga; em seguida damos ênfase à crítica sobre a educação representada pela Escola do Seu Proença.

2 Vila de Cachoeira: o lugar social ficcional

Com total apropriação do contexto social, político, cultural e educacional da Vila de Cachoeira do Arari, Dalcídio Jurandir recria esse lugar pelo viés da sua percepção literária e poder criador. Descreve o modo de vida dos grupos e subgrupos de indivíduos que viviam em rios – as populações ribeirinhas, de campos secos, alagados ou alagáveis.

Neste lugar, os personagens estão situados nas primeiras décadas do século XX, pós-*boom* da economia da borracha. O período é de relativa decadência que transformou os modos de vida dos emblemáticos, sofridos e marginalizados personagens, com características bem diferentes do modelo de homem moderno idealizado pela nação brasileira com o advento da República.

Atípico, ao invés de explorar a exuberância e a riqueza da fauna e da flora regional – o que foi muito comum entre os escritores paraenses da década de 1930 – Dalcídio Jurandir preferiu dar um tom mais social à sua produção, focando a miséria e a falta de perspectiva que violam a existência dos habitantes da região.

O lugar decadente caracterizado pela pobreza, pela falta de saneamento básico, pelas péssimas condições de moradia e de escola, além do constante discurso da morte e sua materialização, são fatos que provam a situação em que vivem os moradores da Vila de Cachoeira, um lugar ficcional, onde adultos e crianças transitam sem distinção, em especial, deste universo, destacamos as crianças pobres, magras, amareladas, febris, alegres e tristes, conformadas, apegadas aos rios, enfim, a imagem física das crianças - e também psicológica - é coerente ao lugar.

Tudo na obra conspira para a pobreza material. Morre-se pela falta de assistência à saúde, rouba-se para comprar comida, prostitui-se para não morrer de fome, deixa-se humilhar por um saco de farinha, enfim. Não há como deixar de perceber acerca dos distanciamentos entre a cidade de Belém e Cachoeira, no Marajó, e dos contrastes entre

[...] ricos/coronéis e pobres/oprimidos, comerciantes de Belém e taberneiros do Marajó, entre donos da terra e “camponeses”/pequenos produtores familiares, ribeirinhos ou não, com ou sem terra, entre brancos, pretos e mestiços, entre casados, solteiros, velhos, moços e crianças, entre canoeiros, pescadores, costureiras e prostitutas, entre funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais, trabalhadores rurais (vaqueiros) e ociosos (tios - bimbás), etc. (COELHO, 2007, p.57-86).

Sobre este ambiente onde as pessoas são invisíveis aos olhos dos governantes, a pesquisadora Marli Furtado (2002), estudiosa da obra de Dalcídio Jurandir, analisa o lugar com base nessas características que se contradizem diante da exuberante natureza amazônica.

Uma Amazônia derruída, sem perspectivas, atônita após a derrocada de um ciclo econômico que ergueu palácios, teatros, palacetes; que deu ares europeus às altas temperaturas locais. Enfim, uma Amazônia nada misteriosa, uma região específica, obviamente com suas singularidades, mas na qual se cumpriu um ciclo cuja queda revelou-nos a fragilidade de nosso sistema de produção da borracha (FURTADO, 2002, p. 12).

A citação faz referência à riqueza produzida por meio da comercialização do látex que favoreceu a implementação de um projeto político de modernização das duas principais capitais da Amazônia brasileira, Belém e Manaus, enquanto os interiores (municípios, vilas, lugarejos, etc.) não lograram de assistência por parte do poder público que queria modernizar a nação.

Todo esse cabedal de riqueza reflete o ciclo econômico na Região Norte do Brasil, com destaque para os finais do século XIX e início do século XX, quando começou a mostrar sua incoerência, logo no segundo decênio do século. Nesse período ainda estavam muito presentes nesses espaços interioranos, como em Vila de Cachoeira, algumas práticas tradicionais como o coronelismo, o sistema de aviamento, o trabalho escravo, a falta de saneamento básico, o sistema precário de saúde pública e de educação, todos associados à fome e à mortalidade infantil, dentre outros problemas de ordem social.

Estas são as marcas registradas na vida dos moradores de Vila de Cachoeira, o lugar social e ficcional da obra *Chove nos Campos de Cachoeira*. Do começo ao fim dos capítulos, esse declínio é acentuado. Real e ficcional se confundem na obra. A perda do monopólio do látex foi sentida pelo

Estado assim como pelos habitantes da ficcional Vila de Cachoeiro. Esse declínio ocasionou total prejuízo à região amazônica, com destaque para as ilhas que se aglomeram no entorno da cidade de Belém, entre as quais a Ilha do Marajó, onde a Vila de Cachoeira está localizada. Por entre os habitantes emblemáticos que na Vila habitam, localizamos o não menos emblemático Alfredo, protagonista infantil da obra.

As mazelas desse lugar estão sobremaneira representadas não só pela descrição do espaço, mas, sobretudo, pelo comportamento dos personagens e papéis que assumem nos capítulos da obra. Num dos capítulos notamos, de imediato, crianças pobres e desvalidas sendo humilhadas. Poder e humilhação se misturam no tempo da narrativa. Podemos ilustrar essa situação com uma passagem:

- Mas ó, verme, onde estavas?

[...]

- Hein? Põe aí a cerveja. Não estás vendo a mesa? Não tem mais olhos, seu vagabundinho? Sempre na safadeza, peraltíssimo! [...] Não se retire, não se retire antes que eu lhe diga tudo o que eu tenho de dizer. Já não lhe disse isto? Sempre quando falo tem de ouvir. Como é que só porque mandei pôr a cerveja na mesa já vai se escapulindo? Onde estava? Que fazia, que demorou tanto? [...] É a sua vagabundagem, é a sua vadiação. Patife... (JURANDIR, 1941, p. 211).

A citação evidencia uma autoridade na Vila de Cachoeira e um menino desvalido que esmola pelas ruas desse lugar. Era comum na época criança pedir esmolas nas portas das casas, pedir comida, tentar sobreviver driblando a fome e ganhar algum, fazendo favores. Como revela a citação, uma criança que não faz “direito” o “serviço” ordenado, corre o risco da humilhação pelo trabalho mal feito.

Não obstante, a citação mostra a relação entre uma autoridade pública, no caso um juiz, e um menino que vive de recados. Na cena notamos que a criança não é poupada de humilhação, não importa se é criança ou adulto, a autoridade prevalece para quem tem o poder.

Estamos no século XX, num momento em que o Brasil, em particular o Pará, defende uma nação moderna; e é na modernidade que a criança se destaca como sujeito de direitos que deveriam ser cumpridos. O tempo era de iniciativas que visassem melhorar a vida das crianças, porém, a ficção é reveladora de uma realidade em que os direitos à infância não eram assegurados.

Ao tomarmos os estudos de Ariès (1981), podemos constatar que esse comportamento do adulto em relação à criança, mostrado na citação, denota do século XVIII: quando a diferença começa “[...] pelo sentimento mais elementar de sua fraqueza, que a rebaixava ao nível das camadas sociais mais inferiores”, ou seja, começa pela humilhação; essa “[...] preocupação em humilhar a infância para distingui-la e melhorá-la se atenuaria ao longo do século XVIII” (ARIÈS, 1981, p. 181).

Do mesmo modo e na mesma época, ainda, segundo Ariès, surge também a preocupação com o corpo da criança que goza de boa saúde, ou seja, começa a existir a preocupação com a higiene e a saúde física da criança. Tudo o que se referia às crianças e à família se tornaram um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas, também, sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família (ARIÈS, 1981, p. 164).

No entanto, fatos e comportamentos como os descritos na referida citação da obra *Chove nos Campos de Cachoeira* nos mostram que a criança é tida como um ser inferior, que não era poupada de humilhações, que precisava se submeter a práticas de trabalho humilhantes para sobreviver, para não morrer de fome, mas, na verdade, morreria de outros males, como impudismo, varíola, sarampo, desnutrição. Enfim, neste ambiente de Vila de Cachoeira, onde ficção e realidade se confundem, os direitos das crianças não eram garantidos, e pasmem, em plena modernidade do início do século XX, quando os governantes só propagavam investimentos à saúde e à educação na infância.

Relações como essas transformam o senso de realidade de uma maneira caótica, onde os sentimentos se afloram e, na maioria das vezes, com mais inclinação de se praticar mais o mal do que o bem, seja diretamente no tempo presente ou no passado, quando os personagens são deslocados pela memória, característica marcante na obra de Dalcídio Jurandir, que não atende a uma narrativa linear.

O contexto político do século XX, onde a obra aqui analisada está situada, nos leva a refletir sobre o que defende os sociólogos da infância e até mesmo a sociologia da própria geografia. Para estes campos, as infâncias (ou os 5 estágios da infância), em qualquer lugar, são vividas de acordo com os mais diversos contextos e interpretações feitas pelos sujeitos. Isto se aplica aos estudos que tratam da relação entre crianças e cidades, ainda que se considere a situação limitada da autonomia da criança diante de diferentes fatores ligados à família, às cidades, seus contextos e sociedades.

Entretanto, essa passiva relação que nos remete à visão dos sociólogos da infância e da sociologia da geografia não se aplica ao menino Alfredo, na obra *Chove nos Campos de Cachoeira*. Em relação à sua cidade natal, Vila de Cachoeira, Alfredo só tem um sentimento: fugir do lugar.

No século XIX, também surge um espaço deveras importante na vida da criança: a escola. Segundo Ariès, nesse século, o lugar da criança passa a ser a escola. Nesse período a escola era considerada espaço próprio para conter e preparar a infância, afastando a criança de um mundo exterior, para o confinamento com finalidade educacional.

Em Vila de Cachoeira existe a Escola do Seu Proença, instituição que deveria praticar esse acolhimento, na época, tão propagado à infância, do que nos fala Ariès. No entanto, na escola onde Alfredo estuda a educação nela ofertada está associada ao espaço “derruído” de Vila de Cachoeira.

3 Alfredo na relação com o lugar e a escola

Em seu livro *A Escrita da História*, Michel de Certeau (2002) inicia a obra perguntando: “como se produz a história?”. Para este autor, a tarefa historiográfica é realizada por um sujeito – o historiador – e está carregada de diversas particularidades (ou dificuldades) que estão presentes no discurso historiográfico que se faz do outro.

Certeau exemplifica essa ideia colocando em pauta a metáfora do morto. A imagem do morto remete à ideia da impossibilidade deste passado se pronunciar diante da narração de sua própria história, sendo ele apresentado pelo historiador à sua maneira, embora mediada pelos métodos próprios. O *Outro* é o passado morto e, portanto, ausente, que não comunga das categorias presentes.

Mencionamos um pouco das ideias de Certeau para justificar nosso interesse em assumir um *lugar*, o de historiador, talvez um historiador forasteiro, pois não temos a formação inicial, mas fomos agindo como um “caminhante” e nos tornamos simpatizantes ao criar uma operação historiográfica sobre o ausente, o *Outro*, neste texto, o passado na figura do menino Alfredo.

Alfredo tem doze anos incompletos, é perspicaz, inteligente ao extremo, de certa forma, ingênuo quando entende que pode realizar sonhos, atitude muito comum na infância de qualquer criança, mas, digamos que Alfredo não é qualquer criança, e nem tudo o que pensa e arquiteta seja tão comum. Alfredo também se revela uma criança triste, tensa, angustiada, de olhar atento e aguçado para uma realidade que poderia ser atentamente observada pelos adultos.

Decerto é pouco provável pensar que entre o final do século XIX e início do século XX (onde está localizado o personagem Alfredo, na obra *Chove nos Campos de Cachoeira*), uma criança não seria um sujeito inocente e inofensivo. Dalcídio Jurandir poderia recorrer a estes adjetivos para caracterizar Alfredo, mas não o faz. Descortina-o da inocência e mostra ao leitor que todos os sentimentos de Alfredo são arquitetados e planejados.

Não temos certeza das bases epistemológicas que Dalcídio Jurandir se apropriou para caracterizar Alfredo em sua obra. Talvez Freud, quando este preconizou sobre a criança triste e solitária, que sente raiva e desejos destrutivos, que vive em conflitos e contradições. No entanto, Dalcídio sempre foi um sujeito engajado com realidades que ele representa nas suas obras. Há quem afirme que Alfredo é o próprio Dalcídio Jurandir na infância, dado à apropriação que o personagem

tem do lugar, que quando ocupado é imediatamente ativado e transformado, passando à condição de lugar praticado, nos ensina Certeau.

Portanto, a inventividade poética que desloca o criador de Alfredo para uma representação de dada realidade, onde ele esteve engajado como morador, o faz caminhar na contramão da história convencional que alimenta a ideia de inocência à criança. Dalcídio pega fragmentos diversos como lembranças da Ilha do Marajó e une pontos justapostos como numa colagem, com o intuito de produzir sentido ao lugar onde ele viveu a infância, para que possamos compreender as atitudes de Alfredo em relação ao lugar onde vive, mas que não se identifica, a ponto de planejar sua fuga do espaço porque não aceita a sua identidade cultural.

Para entendermos sobre a negação que Alfredo faz do seu espaço de origem, consideramos o que imprime Benjamin (1984) sobre o conceito de criança se contrapor ao conceito universal de infância defendido pelos preceitos da sociedade medieval. Para Benjamin, a criança não representa o adulto em miniatura e sim, como qualquer sujeito de pouca idade, constrói seu próprio universo; ela é capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar a agressividade, resistência, perversidade, humor, vontade de domínio e de mando.

No entanto, “entender o outro [...] exige mais, quando o outro é uma criança”, pois, para o adulto, a lógica da criança é um caos de ideias (ITURRA, 1997, p. 7). Assim, entender o posicionamento crítico de Alfredo em relação ao seu lugar de origem exige de nós certa racionalidade, pois, trata-se de uma criança sensível aos fatos sociais marcantes no cotidiano de Vila Cachoeira. Todavia, Alfredo é um menino inteligente, logo, é compreensível que elabore um discurso crítico sobre o lugar e tudo o que afeta negativamente a vida das pessoas que nele habitam.

Porém, como Alfredo é uma criança, a relação dele com a cultura do lugar é “inseparável da luta, da guerra”, e a maneira como a vida é posta em prática pelos sujeitos (CERTEAU, 1985, p. 8), considerando o modo particular pelo qual os sujeitos se apropriam de representações do mundo usando a tática da reinvenção, como a capacidade de resistirem às situações postas e de crerem nas possíveis mudanças.

Apropriando-nos desta postulação de Certeau, observamos que Alfredo, mesmo inteligente e crítico, não enfrenta os problemas, não luta, não reinventa o cotidiano como as outras crianças que, como sujeitos sociais, significam o mundo dialogando com os elementos da cultura, a partir de uma lógica diferenciada – a lógica infantil, como brincar, tomar banho de rio, correr e subir em árvores, ainda que precisassem pedir esmolas nas casas e mercearias.

No entanto, vale lembrar que a obra tem um narrador onisciente, que sente a dor dos personagens, conhece todos os seus sentimentos, o que convence o leitor das razões que fazem de

Alfredo uma criança que não se apropria de sua condição para recriar a sua realidade de origem. As crianças recriam o mundo por meio da liberdade e do devaneio, concebidas por Bachelard quando defende o olhar da criança em relação ao mundo. Para esse autor, a criança “[...] enxerga grande, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primeiras” (BACHELARD, 1996, p. 97).

Decidido, Alfredo, ao invés de enfrentar a realidade e lutar por transformações no seu espaço, acaba se isolando do mundo que ele condena, passando a viver obcecado por sua partida. Perante seus familiares, o desejo do pequeno de sair do lugar e deixar qualquer possível laço de afeto que atinge profundamente uma criança, no caso a família, isso não conta para o menino. Ele se justifica pelas péssimas condições de educação ofertada na Vila de Cachoeira; no imaginar de Alfredo, a escola representa o atraso na própria vida escolar dele.

Como um garoto perspicaz, Alfredo se encanta pelas notícias trazidas de Belém pelos moradores que iam à capital do estado. Belém foi a cidade que mais se beneficiou com os investimentos públicos aplicados no projeto de modernização do estado, que contava com vantagem econômica em relação a outros estados brasileiros.

Logo no início do século XX, a cidade passou por um processo de urbanização invejável. Prédios e palácios suntuosos foram erguidos, praças e calçadas foram construídas e ruas padronizadas com toda infraestrutura de saneamento básico e eletricidade; tudo feito com materiais oriundos da Europa. A educação pública também ganhou novos prédios e, por conta do alto índice de analfabetos, os governantes investiram na instrução escolas da infância.

Este cenário promissor que chegava ao conhecimento de Alfredo, o leva idealizar sua fuga para Belém. Ele passa a imaginar Belém a cidade dos sonhos encantados, onde não haveria miséria, enchentes, doenças, tristezas. No seu imaginário, todas as condições materiais estariam disponíveis para ele, inclusive a melhor escola e os melhores professores.

Podemos associar este comportamento de Alfredo ao que preconiza Bachelard (1994), sobre o devaneio. Segundo esse autor, “[...] o devaneio da criança é um devaneio materialista. A criança é um materialista nato. Seus primeiros sonhos são os sonhos das substâncias orgânicas”, referindo-se aos elementos – fogo, ar, a água e a terra –, que para ele são “os hormônios da imaginação” (BACHELARD, 1994, p. 202).

O poder sugestivo da natureza para a criança se produz na escala mais doméstica, onde ela é livre para devanear, mesmo um pequeno recanto de natureza lhe é suficiente para recriar seu mundo imaginário que se distancia momentaneamente do cotidiano que divide com os adultos, como ocorre em Vila de Cachoeira, onde as crianças não são poupadas dos problemas que afligem o corpo e a

mente de cada um dos moradores desse lugar. Talvez essa falta de proteção afete a relação de Alfredo com o espaço a ponto de ele se devanear do seu espaço natural.

Ao voltar ao mundo real, Alfredo inicia um processo de comparação que acaba por intensificar cada vez mais o seu sentimento de desprezo por Vila de Cachoeira. Ele delira e adocece por ver um possível impedimento de fuga. A luta é interna, é calculada, é quase impossível, pois a família não tem como sustentá-lo em Belém. Para Alfredo, a educação é a saída. O mundo real se distancia. Recolhido, o garoto passa a viver num mundo imaginado muito diferente e distante de Vila de Cachoeira.

Ali estava o seu sonho da cidade de bondes elétricos, Arraial de Nazaré, Largo da Pólvora, as lojas de brinquedos, a Torre de Malakof, das senhas vermelhas. Aquele clarão chamava-o. Era o sonho de viagens. Alfredo vivia sonhando e desejando (JURANDIR, 1941, p. 130).

Tudo o que Alfredo imagina está ausente em Vila de Cachoeira, e, por isso, ele planeja a sua fuga rumo ao mundo que pensa ser maravilhoso.

Então a cidade para Alfredo era um reino de história encantada, toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos. A cidade onde se fazia o Círio de Nazaré, o fatinho feito na loja [...] (JURANDIR, 1941, p. 107).

O trecho descreve a projeção das imagens de sonho do menino Alfredo sobre a realidade de Vila de Cachoeira, o que o leva a criar uma total negação do lugar em relação às imagens dos sonhos, que fazem o menino acordar “[...] com aquela cidade cheia de torres, chaminés, palácios, circos, rodas giratórias [...]” (JURANDIR, 1941, p. 107).

Tudo o que cerca Alfredo de real representa para ele a imagem da opressão, da infelicidade, da pobreza, do desprezível. Toda essa situação ia transformando o menino num sujeito amargo e infeliz. Nesse mundo de tantas mazelas, a escola aparece como um lugar opressivo, declaradamente rejeitado por Alfredo.

A obra não traz detalhes sobre a descrição física das escolas de Vila de Cachoeira, mas na percepção de Alfredo, na Escola do Seu Proença, os alunos sofriam humilhações que eram presenciadas por membros da família do professor, pois a escola funcionava na casa do professor regente.

Uma tarde, foi nos primeiros tempos de escola, ele foi posto nu pelo Proença [...] “Mas Flor, Flor, olha o pipi dele. O pipi, Flor!” [...] Era diante dos alunos. [...] E então Alfredo via nos olhos já definidos de Flor uma censura azul que era para o

menino qualquer coisa de humilhante, de cínico, de pior do que o riso, o olhar, os gritos de Proença (JURANDIR, 1941, p. 187).

Além desse tipo de prática, Alfredo questionava o método usado por seu Proença, que era um homem com um perfil de louco, cínico, que gritava, dava gargalhadas, possuía olhos vidrados, ásperos e ferozes que ficavam observando Flor lendo o “Tico-Tico” quando ela tomava a lição dos alunos.

Castigos e atitudes como as descritas no excerto, talvez fossem os castigos menos dolorosos fisicamente, porque o professor ainda costumava deixar os alunos de joelhos e batia com palmatória nas mãos deles.

Era preciso sair daquela escola do seu Proença, da tabuada, do argumento aos sábados, da eterna ameaça da palmatória, embora nunca tenha apanhado; daqueles bancos duros e daqueles colegas vadios que todo dia apanham e ficam de joelhos, daquela D. Flor (JURANDIR, 1941, p. 110-111).

Farias (2009) coloca em questão um importante ponto referente à formação do professor. As imagens de professores até então mencionados na obra demonstram que em Vila de Cachoeira os métodos de ensino dos professores são agressivos, à base de humilhações, que desmotivam os alunos a aprender os conteúdos.

Como um espaço representativo da educação em Vila de Cachoeira, na Escola do Seu Proença, usa-se da violência para disciplinar as crianças. Essas atitudes perversas coadunam com a miséria do lugar que desmotiva o aluno e o morador Alfredo, que tem toda a razão em não ver qualidade na educação ofertada, tornando-se compreensível a percepção negativa que o personagem faz em relação ao lugar e à educação.

4 Considerações finais

Como conhecedor dos fatos e da intimidade dos personagens, o narrador de *Chove nos Campos de Cachoeira* consegue penetrar no universo infantil de seus personagens para mostrar a relação da criança com a cultura do lugar, esta aqui lembrada como “inseparável da luta, da guerra”, e a maneira como ela é posta em prática pelos sujeitos (CERTEAU, 1994, p. 8).

Na obra, Alfredo se vê diante de muitos dilemas que afetam a sua ligação com o seu lugar de origem, incluindo a educação de péssima qualidade na representação da Escola do Seu Proença, onde ele estudava era humilhado, assim como as outras crianças.

De um modo mais particular, nesta operação historiográfica, não há na localidade algo que possa levar Alfredo a experimentar satisfatoriamente algo no presente, nem no passado. Quando bem menininho, ele recebia paparicação de Lucíola, uma personagem que cuidava dele, mas que, depois de crescido, ele não nutria mais nenhum afeto por ela.

Na escola, as práticas punitivas não se limitam à subversiva relação professor-aluno, mas recaem na qualificação do professor, pelos métodos usados para ensinar os alunos. As boas lembranças da escola para Alfredo se resumem nas poucas palavras do narrador: “[...] O que o diverte na sua ida para a escola são os cajus que seu Roberto apanha de seu quintal e lhe dá quase todas as tardes” (JURANDIR, 1941, p. 111).

O criador de Alfredo, Dalcídio Jurandir, foi Secretário e Inspetor Escolar em instituições públicas no estado do Pará, o que garante à obra uma representação literária que se confunde com a realidade por ele ter observado em suas funções, bem como no tempo em que viveu as experiências escolares como aluno na década de 30, as dificuldades e o descaso com a educação pública.

As mazelas de uma sociedade onde o poder público selecionava as ações que pudessem lhe beneficiar politicamente são representadas na Vila de Cachoeira, quando esse lugar é movido por um cotidiano em que tudo o que acontece e também a falta de perspectivas futuras desapontam Alfredo. O declínio do menino do lugar não deveria ser adiado, por tudo o que foi contestado por ele. Mas a obra termina e o menino não consegue realizar o sonho de fugir para Belém.

No ano de 1958, Dalcídio Jurandir, autor de *Chove nos Campos de Cachoeira* e de mais outras obras, publica o romance *Três Casas e um Rio*. Nesse romance, ele retoma o personagem Alfredo já adolescente e consegue realizar o sonho do personagem. No referido romance, Alfredo deixa Vila de Cachoeira e vai morar em Belém, que não encontra mais a cidade dos sonhos encantados e nem a escola que ele sonhava existir na capital.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural**: entre práticas e representação. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

FURTADO, Marli Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. 2002. 263f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270342>. Acesso em: 26 nov. 2019.

ITURRA, Raul. **O imaginário das crianças**: os silêncios da cultura oral. Lisboa: Fim de Século, 1997.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1941.